



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO NETA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DA
AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO NETA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DA
AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



N244e Nascimento Neta, Maria José do.
Educação ambiental: a preservação do meio ambiente através da aquisição de conhecimento / Maria José do Nascimento Neta. - Cajazeiras, 2009.
40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação ambiental. 2. Meio Ambiente- preservação. 3. Escola na educação ambiental. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:504

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO NETA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL: a preservação do meio ambiente através da
aquisição de conhecimento**

APROVADA EM: ____/____/____

Orientadora: Professora Ms. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS-PB
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CALAZEDAS - PARAIBA

**Dedico todo meu esforço em produzir a monografia a Deus, a
minha família e a meus amigos.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que colaboraram com a produção de todo conteúdo monográfico: meus familiares, em especial minha mãe, fonte inesgotável de esperança e confiança na minha capacidade; minha filha Neuma Líbia, pelas palavras de carinho nos momentos de ansiedade; meu marido Wanglayson pela confiança, e paciência que teve nas horas que eu produzia e digitava todo conteúdo, a minha irmã Ana que sempre acreditou na minha capacidade, a todos os meus irmãos que em mim depositaram confiança.

Expresso minhas gratidões a Escola Janduy Carneiro nas pessoas de Kalina (diretora) e da educadora Adriana da turma na qual fiz o estágio, pela receptividade e colaboração nos momentos de dificuldade. Todos que fazem parte desta instituição recebam meu muito obrigado.

As minhas colegas pelas sugestões que me deram ao longo da caminhada e aqueles que me animaram quando estava eu desanimada e ansiosa, e a todos os professores que colaboraram, sobretudo, as orientadoras Gerlaine, Lourdes Campos e Maria Janete de Lima. Enfim, agradeço a Deus pelos milagres que me concedeu durante toda produção desse trabalho.

Obrigada!

A terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo que fizer ao tecido fará a si mesmo. (TRECHO DA "CARTA DO CHEFE SEATTLE" In SUELY SALGUEIRO CHACON).

RESUMO

O presente trabalho que tem como título “Educação Ambiental: a preservação do meio ambiente através da aquisição de conhecimento” trata-se de um estudo de caso que busca demonstrar a falta de compromisso que o homem tem com o lugar em que ele vive e ao qual ele pertence e o porquê da não preocupação do homem em preservá-lo. A partir do histórico dessa temática percebe-se que, ao longo dos séculos, demonstra atitudes irresponsáveis, não respeitando o meio ambiente. Nota-se também que as escolas não aprofundam o conhecimento dos alunos com relação à falta de cuidado do homem com a natureza e a não percepção de sentir-se integrante desse meio. Propõem-se formas das escolas trabalharem essa temática sem que ela necessite de tornar-se uma disciplina, que seja trabalhada em sua transversalidade, haja vista que o assunto perpassa todos os ramos do conhecimento. O papel da escola é proporcionar aos educandos o acesso aos conhecimentos sobre: meio ambiente, as conseqüências de não preservá-lo, para que os educandos sintam que pertencem a terra e não que são donos da terra, entendendo que o se faz com o meio ambiente retornará para nós às vezes de forma dolorosa.

Palavras-chave: Educação. Meio Ambiente. Homem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I.....	11
1.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	11
1.2 CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	16
1.3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À PRESERVAÇÃO AMBIENTAL.....	18
CAPITULO II.....	24
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: campo de estágio.....	25
2.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES.....	26
2.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS.....	30
2.5 ANÁLISE DO ESTÁGIO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

A escolha da temática “Educação Ambiental: a preservação do meio ambiente através da aquisição de conhecimento” justifica-se em virtude da maioria dos alunos da Escola Estadual Janduy Carneiro residir num bairro em que alguns moradores, talvez por falta de educação ou não conhecimento das conseqüências que a falta da preservação dos recursos naturais nos causa, vê com descaso esse problema.

Ao longo da pesquisa tivemos o propósito de alcançar os seguintes objetivos: investigar como se processa o ensino da Educação Ambiental com relação à preservação do meio ambiente possibilitando a aquisição de conhecimento (objetivo geral); identificar a existência de algum projeto de Educação Ambiental na escola e sua extensão a comunidade; analisar na rotina da sala de aula que conteúdos contribuem para formação de hábitos e preservação do meio ambiente; examinar a metodologia que o professor utiliza para o ensino-aprendizagem da Educação Ambiental e examinar os conteúdos didáticos utilizados pelo professor destacando nestes, os que possam contribuir para o aprendizado da preservação ambiental. Os objetivos que sucederam o objetivo geral são considerados objetivos específicos.

Nos procedimentos metodológicos trabalhamos com as observações feitas da escola em diversos aspectos (relação dos alunos com o professor, parte física, entre outras informações). Fizemos uso de questionários para obtermos mais informações tanto de alguns professores, que aceitaram respondê-los, quanto dos alunos da turma do 5º ano.

É preciso que a escola conheça a realidade dos educandos. Se eles convivem com pais que tem o conhecimento sobre o que é poluição, como o lixo pode poluir. E caso os pais dos alunos não tenham esses conhecimentos, a escola pode trabalhar com eles de modo que possa disseminar na comunidade os saberes essenciais para haver a preservação do local que eles moram.

Ao queimarmos o lixo ou joga-lo em qualquer lugar para que a sujeira não fique próxima das residências, ao invés de benefícios, estamos causando danos ao meio ambiente como um todo: poluindo o ar, o solo e prejudicando as pessoas, sobretudo as alérgicas ou com problemas respiratórios, haja vista que a fumaça prejudica a saúde de

quem é alérgico. Podemos também contrair doenças através de microorganismos que ficam no lixo (coliformes fecais, protozoários entre outros organismos).

O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo se subdivide em três tópicos. No primeiro tópico falaremos sobre o Histórico da Educação Ambiental cuja essência está na questão de que as pessoas levaram muito tempo para trabalhar com esse tema transversal, haja vista que esse estudo era muito restrito a natureza; no segundo tópico explicitaremos as concepções da Educação Ambiental aonde vários teóricos descrevem sua visão a cerca do que venha a ser a Educação Ambiental; no terceiro tópico explicaremos o papel da escola frente à preservação ambiental, ou seja, como a escola deveria agir com relação à temática para que os alunos possam adquirir mais conhecimentos sobre as conseqüências de não se preservar o meio ambiente.

O segundo capítulo se subdivide em cinco tópicos. No primeiro tópico abordaremos os procedimentos metodológicos; no segundo tópico exporemos a análise dos questionários dos professores que contém diversas informações sobre a metodologia de ensino com relação aos assuntos sobre meio ambiente, como também se a escola já desenvolveu projetos nessa área; o terceiro tópico se refere à análise dos questionários dos alunos, que contém informações às vezes contraditórias às respostas de alguns professores; no quarto tópico exporemos a caracterização da escola dando informações mais detalhadas sobre a instituição e no tópico cinco falaremos sobre a análise do estágio, descrevendo minuciosamente a nossa experiência no cotidiano escolar.

Com o desenvolvimento da temática incorporaremos vários conhecimentos que até então não tínhamos. No contato com os educandos fizemos uma troca de conhecimentos através da qual crescemos mais no âmbito intelectual. Esse conhecimento nos ajudará na nossa prática como professores, haja vista que estamos “testando” as teorias que estudamos ao longo do curso.

Este trabalho é, portanto, fruto de dedicação, esforço e coragem para enfrentar os obstáculos que um trabalho de pesquisa proporciona para um pesquisador.

CAPÍTULO I

1.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para compreendermos a importância da Educação Ambiental, em especial na escola, se faz necessário iniciarmos com um breve histórico, a partir da chegada dos portugueses no Brasil em 1500.

Com a vinda dos lusitanos deu-se início a exploração predatória tanto da fauna quanto da flora brasileira. Retiraram pau-brasil, papagaios entre outras riquezas existentes no país. Fernão de Noronha, em 1503, foi o precursor na comercialização do pau-brasil degradando assim, a Mata Atlântica.

No intuito de amenizar essa situação de exploração desordenada, fora estabelecida a 1ª Carta Régia do Brasil. Essa carta determinava punições para aqueles que explorassem as riquezas brasileiras.

Nesse período Hans Staden publicou um livro na Alemanha que responsabilizava os índios pela devastação da natureza. Esse livro citava as formas como os índios manuseavam toda riqueza das matas (o uso do fogo, a caça, a pesca).

Vale salientar que os índios caçavam e pescavam apenas para sua sobrevivência, não comercializavam o que descaracteriza a caça e a pesca predatória. Os europeus queriam, na verdade, se eximir da responsabilidade com relação à exploração e degradação de nossas riquezas.

No período de 1822 a 1876, observamos que passaram a falar sobre ecologia. José Bonifácio de Andrade e Silva foi o primeiro brasileiro a fazer observações sobre ecologia no Brasil. Apenas estrangeiros como Hans Staden haviam observado o Brasil através de uma visão ecológica.

Elaboraram leis como a Lei imperial que transmitia poderes aos juizes de paz das províncias para fiscalizar as matas, a Lei 601 editada por D.Pedro II proibindo a exploração das matas e da floresta nas terras descobertas. A Lei 601 não foi cumprida.

Os donos de cafezais continuaram desmatando e fazendo queimadas para aumentar suas plantações e atender o crescente volume de exportações da época.

Eugênio Warning, botânico dinamarquês, estudou na cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais, o meio ambiente do cerrado, publicando seus estudos em 1892. Princesa Isabel autorizava o funcionamento da primeira empresa particular especializada em cortar madeira. Com o passar dos anos o pau-brasil foi se extinguindo. André Rebouças sugeriu, um ano após a quase extinção do pau-brasil, a criação de parques nacionais na ilha do Bananal e do parque de Sete Quedas.

Entre 1889 e 1920 percebemos que a falta de interesse com o meio ambiente continuava com raras exceções, haja vista que a Constituição foi promulgada (1891) e não havia em nenhum de seus artigos algo que tratasse da preservação da flora e fauna. Criou no Acre uma reserva florestal através do Decreto 8.843 que ficou só no papel, pois não fora implantada. A extinção do pau-brasil passou a ser uma evidência. Foi criado o Parque Estadual da Cidade de São Paulo e descoberto o mal de Chagas. Essas são as boas exceções.

De 1930 a 1958 outros fatos substanciaram a história da Educação Ambiental no Brasil. O Decreto 23.793 transformava em Lei o anteprojeto do Código Florestal de 1931. Em consequência, criaram a primeira unidade de conservação do Brasil, o Parque Nacional do Itatiaia. Houve também, a primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza. Foi criado o Parque Nacional do Iguaçu, o único realmente implantado.

No âmbito internacional aconteceram fatos graves que levaram as pessoas a pensarem mais sobre a importância de se preservar o meio ambiente. A poluição do ar em Londres ocasionou a morte de 1.600 pessoas. Fundou-se na Suíça a União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). No Brasil criaram a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN).

Nas décadas de 60 e 70 o pau-brasil começou a ser recuperado sendo declarado “árvore-símbolo nacional” e o ipê como “flor-símbolo nacional” pelo o presidente Jânio Quadros. Albert Schweitzer popularizou a ética ambiental sendo agraciado com o Prêmio Nobel da Paz.

Numa Conferência sobre Educação no College of Education em Leichester, Grã-Bretanha, recomendaram que fundassem a Society for Environmental Education-SEE (Sociedade para a Educação Ambiental). Segundo Dias (1998, p.35) “um grupo de especialistas (economistas, industriais, pedagogos, humanistas) liderados pelo industrial Arillo Peccei começou a se reunir em Roma para discutir a crise atual e futura da humanidade. Fundaram assim, o Clube de Roma”. Os Estados Unidos foi o primeiro país a aprovar uma Lei sobre Educação Ambiental, mas nos dias atuais é um dos que mais polui.

No decorrer desse período foi criada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN). Os países desenvolvidos propuseram na XXVI Assembléia Geral das Nações Unidas que os recursos naturais do planeta fossem administrados por um fundo mundial (World Trust). O Clube de Roma publicou o relatório “the limits of growth” (Os limites do crescimento) que dava uma visão ampla de como seria o futuro caso não houvesse mudanças no sistema econômico da sociedade. Sistema no qual às pessoas consomem demais.

Com tudo isso ocorrendo no cenário mundial, foi criado o curso de pós-graduação em Ecologia na Universidade do Rio Grande do Sul. Houve nessa época a Conferência de Estocolmo (Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano). Nessa conferência, representantes do Brasil disseram que o país não dava importância a poluição, desde que aumentasse o Produto Interno Bruto.

A institucionalização da educação ambiental no governo federal começou em 1973, com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA). A SEMA iniciou projetos de educação ambiental para inserir a temática nos currículos escolares dos 1º e 2º graus. Foram realizados seis cursos de especialização em educação ambiental e cinco seminários sobre Universidade e Meio Ambiente. A Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) mostrou a necessidade de incluir a educação ambiental em todos os níveis de ensino.

Na década de 90 foram criados o Grupo de Trabalho de Educação Ambiental do MEC e a Divisão de Educação Ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Criaram também o Ministério do Meio

Ambiente (MMA). O IBAMA instituiu os Núcleos de Educação Ambiental nos estados para que eles trabalhassem na perspectiva ambiental.

No Fórum Global de 1992 o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global foi um marco importante para educação ambiental, pois reconhecia “a educação ambiental como um processo dinâmico em permanente construção, orientado por valores baseados na transformação social”. (ProNEA,2005,p.23)

Também durante o Rio-92 foi produzida a Carta Brasileira para Educação Ambiental que entendia a educação ambiental como via de acesso ao conhecimento para sobreviver sem agredir a natureza.

Para que todo o país se envolvesse na discussão sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável, o IBAMA promoveu capacitação para as pessoas no intuito de atingir as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Fizeram discussões sobre a Política Nacional de Educação Ambiental e criaram o Projeto de Lei nº. 3.792.

Em função da Constituição Federal e dos compromissos assumidos com a Conferência do Rio, a Presidência da República criou o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA). Foi criada em 1995 a Câmara Técnica Temporária de Educação Ambiental no Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA).

Após vários debates os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação em 1997. O documento dava importância à inserção dos temas transversais como meio ambiente no contexto escolar ou adotando uma disciplina específica, ou através de projetos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais visa auxiliar a escola a trabalhar temas como meio ambiente despertando no cidadão em formação “o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza forma um todo integrado-constantemente em formação - do qual ele faz parte...” (PCN, 2001, p. 113)

A Diretoria do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) foi criada em 1999 com o objetivo de levar para o país, informações sobre esse tipo de educação. Sendo assim, implantaram Pólos de Educação Ambiental e de Difusão de Práticas Sustentáveis nos Estados. Os Pólos serviam para auxiliar os estados na formulação dos programas e na implantação de cursos de capacitação dos profissionais da educação através de projetos que suscitasse nas pessoas a necessidade de respeitar e preservar a natureza. A Lei nº. 9.795 sobre a Política Nacional de Educação Ambiental foi aprovada nesse ano passando a fazer parte do Plano Plurianual em 2000.

No ano que sucede a aprovação da Lei, educadores ambientais tomam a iniciativa de realizar uma reunião com o Ministério do Meio Ambiente (MMA) com o intuito de conseguir apoio do Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA). Este fundo financia projetos e programas relacionados à educação Ambiental. A Lei nº.9.795/99 foi regulamentada apenas em 2002 pelo Decreto nº.4.281. Ela estabelece quem compõe o Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental.

No ano de 2003 foi iniciada no Ministério do Meio Ambiente a CISEA (Comissão Intersetorial de Educação Ambiental) que tinha seus representantes em todas as secretarias. Em julho do ano acima referido houve a Conferência Nacional do Meio Ambiente, adulto e infanto-juvenil.

Com todos esses órgãos e secretarias o MEC e o MMA tinha o objetivo de saber de que forma as escolas trabalhavam a Educação Ambiental. Fizeram um novo Plano Plurianual e logo depois revisaram tendo em vista as novas diretrizes. Ocorreu em Goiás o primeiro encontro do governo federal sobre educação e meio ambiente no ano de 2004. Em novembro do mesmo ano houve o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental. Professores e outros profissionais da área dialogaram e trocaram experiências. O MMA participou de reunião na Venezuela para elaborar o Programa Latino-americano e Caribenho de Educação Ambiental.

Desse modo percebemos com relação à formulação de projetos, programas, implantação de secretarias e outros órgãos do governo, o país está bem amparado. Está faltando talvez, interesse por parte de alguns estados e municípios.

1.2 CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nos dias atuais aumentou o número de teóricos que escrevem, pesquisam sobre a Educação Ambiental. Cada um a seu modo, tem sua compreensão a cerca de como deve funcionar, ou seja, do que é esse tipo de educação.

Segundo Silva (2007, p.116) a Educação Ambiental “é tão simplesmente a educação ressignificada, banhada nas preocupações com a conservação da vida, uma educação para compreensão da vida em sua gama de complexidade”.

Para que haja a Educação Ambiental é necessária à sensibilidade de todos com relação à compreensão de ser parte integrante do meio ambiente e compartilharmos os problemas socioambientais buscando, pelo menos, amenizá-los. Devemos compreender que “a educação ambiental não é neutra, mas é essencialmente política”. (SATO & SARTURI, 2007, p.126)

A Constituição Federal de 1988 coloca a Educação Ambiental como essencial para nossa qualidade de vida, atribuindo ao Estado o dever de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do meio ambiente”. (art.225, §1º, inciso VI). Com isso, constitui-se o direito de todos os cidadãos brasileiros serem instruídos com a Educação Ambiental.

A Lei nº. 9.795/99 define Educação Ambiental como sendo “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (ProNEA apud LIPAI et.al,2007,p.26). A lei tem o propósito de universalizar a Educação Ambiental.

Não faltam leis para reger a Educação Ambiental, mas isso não garante que ela seja efetivada nas escolas. É necessário reconhecermos primeiro a necessidade de trabalhá-la, e depois as consequências de não abordá-la.

Para tanto, precisamos estudar sempre, haja vista que é inerente ao professor estar “se atualizando para que sua prática atenda, de forma coerente e integrada, as necessidades dos sistemas de ensino e às mudanças sociais”. (MENDONÇA, 2007, p.46)

Uma das mudanças sociais acima citadas poderia ser a nova visão de estudar o meio ambiente, em sua complexidade, valorizando sua característica transversal, pois podemos abordar esse assunto em qualquer disciplina dos anos iniciais, como também dos demais anos e cursos que fizermos, (Educação superior, cursinhos entre outros).

A Educação Ambiental vai além da visão naturalista que muitas vezes nos deixa equivocado. Mendonça (2007, p.52) reitera “podemos considerar que qualquer iniciativa que a escola faça para reduzir a violência, a pobreza, atos predatórios e estimular projetos solidários e transformadores com a comunidade, está dentro dessa educação ambiental reflexiva e contemporânea”.

Toda ação, por menor que seja, ajuda-nos a melhorar a qualidade de vida humana. Para vivermos com qualidade não é necessário destruímos o meio ambiente. Essa visão capitalista, individualista é quem mais maltrata o ambiente em que vivemos.

Às vezes, nós confundimos Educação Ambiental com Ecologia, quando pensamos que é suficiente falar apenas da natureza ao invés de tratarmos da relação homem natureza. Temos a incumbência de integrar a Educação Ambiental ao cultural e social dos indivíduos. Com isso, Dias (1998, p.62) afirma que:

Essa educação deveria preparar o indivíduo, mediante a compreensão dos principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe conhecimentos técnicos e qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva, com vistas a melhorar a vida e proteger o meio ambiente, prestando a devida atenção aos valores éticos.

A ética é essencial para vida social. De que vale darmos a teoria para nossos alunos se não somos coerentes com o que expomos através dos conteúdos. Vemos nos dias atuais educadores que criticam os que tentam proteger a natureza, alegando que cuidamos dela, morremos e a natureza continua viva da mesma forma. Será?

Ainda encontramos muita resistência, sobretudo daqueles que tem uma visão muito capitalista, pois apenas pensam em enriquecer, não importam se estão degradando ou não o ambiente.

Nesse sentido, a Educação Ambiental poderá transformar o pensamento e as ações dos filhos desses “capitalistas selvagens”, fazendo com que eles não perpetuem a ganância de seus pais em detrimento da destruição do meio ambiente.

Será que o homem ainda não percebeu que as catástrofes naturais como: as tempestades repentinas, o volume de chuvas anormal, o aumento das temperaturas e o derretimento das calotas polares estão intrinsecamente ligados a ações que poderiam ser evitadas como; jogar o papel de bala no chão ou no esgoto, desperdiçar água potável para lavar a calçada entre outras ações, às vezes, vistas como não importantes ou “pequenas” e que para alguns, não agredem a natureza, não contribuem para todo esse desequilíbrio vivenciado no meio ambiente?

O homem perdeu uma de suas principais características, a de ser um ser humano. Chacon (2004, p.48) complementa dizendo “vive-se hoje um momento de sucateamento do humano, por isso é tão difícil uma relação EU e TU”.

Queremos dizer com isso que o homem, nos dias atuais, não vive uma relação harmônica com a natureza e muito menos entre si. O papel da Educação Ambiental, neste sentido é orientar o homem para que ele mude sua ética, ou seja, reflita e modifique suas ações diante da realidade atual. (TRISTÃO, 2004).

Desse modo, vemos que é necessário pensarmos e estudarmos meios de agirmos vendo notando que nossas ações refletirão nos lugares mais longínquos do Planeta. Nossas ações não afetarão apenas nossa cidade ou região. Devemos refletir sobre isso.

1.3 O PAPEL DA ESCOLA FRENTE À PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Com o passar dos anos percebemos que o descaso de algumas pessoas com o meio ambiente ainda é grande. Não cuidando do ambiente no qual vivemos demonstramos nosso egoísmo. Gerações futuras, filhos, netos e bisnetos necessitarão de ar puro, água potável, ou seja, da natureza.

A não responsabilidade com o meio ambiente pode ocorrer pela nossa desinformação com relação às consequências ou pela inconsciência. Dias (1998, p.218) reforça “o indivíduo humano afetado por condições ambientais adversas pode estar inconsciente de que está com menos saúde do que poderia e deveria estar”. O ser humano por sua capacidade inerente de adaptação fácil a diversos ambientes, acostuma-se com o ambiente ainda que seja poluído. Sendo assim, devemos nos conscientizar que nossa

relação com o meio ambiente do qual fazemos parte interfere em toda nossa vida (saúde física e mental, vida profissional, etc.).

Neste sentido, nós, atuais e futuros educadores devemos proporcionar uma coerência entre o pensar (teoria) e o agir (prática). Deve haver uma interligação entre o que falamos e o que fazemos. Isso não vale só para professores, mas para todos os funcionários da escola. Queiramos ou não acabamos sendo um espelho para nossos educandos.

A Educação Ambiental “trata-se de uma educação política que se aperfeiçoa quando praticada fora da escola” (MENDONÇA, 2007, p.50). De nada vale dizermos para os alunos jogarem o lixo no local adequado, por exemplo, se no nosso dia-a-dia jogamos papéis no pátio da escola, no caminho para casa atiramos lixo da janela dos carros ou ônibus, ou seja, se contribuímos para poluição ambiental. É preciso mudar nossos hábitos, rever nossas práticas.

Um dos papéis da escola com relação à preservação do meio ambiente seria suscitar nos educandos a consciência crítica de cidadãos que respeitam e preservam a natureza. Como também, conhecem os seus direitos buscando-os e exercitam seus deveres. Pois “... a atribuição do professor em assumir a educação ambiental na escola é o mais puro exercício de cidadania: um ato de responsabilidade e compromisso com a construção de uma nova cultura, que tenha por base a sustentabilidade ambiental”. (LIPAI, LAYRARGUES & PEDRO, 2007, p.30).

É necessário que haja um planejamento pautado na realidade da comunidade escolar. Se há problemas com o lixo, com esgotos, entre outros problemas que afetam a vida das pessoas. Tudo isso precisa ser investigado e analisado. Quando planejamos um projeto dessa natureza apenas para cumprir nossas tarefas, sem a intenção de proporcionar a reflexão e a autoavaliação, em especial nos educandos, esse projeto será apenas um amontoado de papéis que se desgastarão com o passar do tempo.

Sabemos que não é fácil, depois de tanto tempo acostumados com a falta de respeito ao meio ambiente, seguirmos as formas corretas de lidar com ele. Assim “é preciso assumir com tranquilidade que vivemos em sociedade e que, portanto, mesmo quando buscamos

ir além da realidade na qual estamos imersos, acabamos muitas vezes repetindo aquilo que queremos superar”. (LOUREIRO, 2007, p.67-68).

A mudança que devemos tentar proporcionar a escola, não acontecerá de forma fácil. Encontraremos dificuldades que diminuirão se soubermos trabalhar com a Educação Ambiental. Repensar nossos objetivos e práticas é um bom começo. Não restringir a Educação Ambiental a mera transmissão de conteúdos, em que se destacam alguns conhecimentos biológicos e ecológicos para tentar mudar comportamentos seria outro passo para lidarmos com os percalços que porventura encontrarmos. Loureiro (2007, p.68) diz com muita convicção que:

Os desafios precisam ser assumidos e enfrentados pela educação ambiental e não ignorados para justificar respostas simples e a adoção de modelos de fácil aplicação (a famosa “receita de bolo”), que aliviam as angústias, mas pouco ajudam ao processo educativo e à superação das condições de degradação da vida e de destruição planetária.

Neste sentido, devemos buscar alternativas para proporcionar aos educandos um acesso de qualidade a Educação Ambiental, através de estudos bibliográficos, de conversas com os alunos e a comunidade escolar.

Se a escola percebe que incluir a Educação Ambiental como disciplina no currículo formal (documento) é restringi-la, ela poderá trabalhar através de projetos, pode abordar temas relacionados ao meio ambiente dentro de outras disciplinas, usando assim, a interdisciplinaridade. Para Veloso (2007, p.81)

Os educadores ambientais percebem a amplitude, a complexidade e a visão sistêmica da questão ambiental e estabelecem com ela uma relação de trabalho pedagógico por meio de projetos. (...) atesta a compreensão de que tudo o que discutimos sobre currículo escolar e as demandas contemporâneas desse século não caberiam jamais no trabalho de 50 minutos, realizado por um único professor ou professora.

Não podemos restringir a Educação Ambiental a uma disciplina, pois não haveria participação de todos os professores e alunos. A melhor maneira de discutirmos sobre as questões ambientais dentro da escola é através de projetos elaborados pelos professores, gestores e comunidade escolar.

O professor deve levar os alunos a refletirem sobre a preservação ambiental. Será que a água doce potável nunca irá acabar se somente a usarmos, desperdiçarmos e não

fizemos nada para conservar as margens dos rios e evitar o assoreamento dos açudes? Assim os alunos irão perceber que se não respeitarmos os limites dos recursos naturais eles esgotarão e todos sofrerão as conseqüências. Aliás, já estamos sofrendo. Mas “para haver transformações significativas, não bastam apenas mudanças individuais (partes), mas necessitam-se também mudanças recíprocas na sociedade (todo)”. (GUIMARÃES, 2007, p.89)

Quando buscamos refletir sobre os problemas socioambientais e fazemos com que todos participem desta reflexão, estamos manifestando o exercício da cidadania. Guimarães (2007, p.92) fala com muita propriedade que:

Isso não se realiza plenamente se estivermos restritos ao espaço interno da escola, onde o que se diz e se faz não está conectado com a realidade vivida, em que tradicionalmente se reduz a possibilidade educativa a uma perspectiva conteudista de transmissão de conhecimentos como uma finalidade em si.

Nesse sentido, não será apenas a transmissão volumosa de conteúdos que fará os alunos e toda comunidade mudar suas formas de tratar o meio ambiente. Devemos elaborar projetos de extensão em que se envolva a comunidade, por exemplo.

Para alguns teóricos ambientalistas se torna impossível abordar os problemas ambientais numa disciplina específica, pois fica muito restrito. Os problemas socioambientais por seu caráter transversal e interdisciplinar perpassam por todos os saberes e por todas as demais disciplinas. Oliveira (2007, p.108) diz que:

A transversalidade da questão ambiental é justificada pelo fato de que seus conteúdos, de caráter tanto conceituais (conceitos, fatos e princípios), como procedimentais (relacionados com os processos de produção e de ressignificação dos conhecimentos), e também atitudinais (valores, normas e atitudes), formam campos com determinadas características em comum: não estão configurados como áreas ou disciplinas; podem ser abordados a partir de uma multiplicidade de áreas; estão ligados ao conhecimento adquirido por meio da experiência, com repercussão direta na vida cotidiana; envolvem fundamentalmente procedimentos e atitudes, cuja assimilação deve ser observada a longo prazo.

Nessa perspectiva, ao fazermos parte de qualquer escola, devemos trabalhar com o meio ambiente em todas as disciplinas. Aliás, todos os conteúdos podem ser trabalhados interdisciplinarmente, através de planejamentos tanto individuais como coletivos.

No exercício da docência é necessário que trabalhem sobre meio ambiente dando importância ao ponto central que são os procedimentos e as atitudes que fazemos no

nosso cotidiano, assim veremos o quão é abrangente os problemas socioambientais. Há uma gama de conhecimentos interligados que uma disciplina não dá conta. Para tanto,

É preciso então pensar na instrumentalização do professor na sua construção individual/coletiva de um saber ambiental que seja suficiente para pautar suas ações educativas e socioambientais tanto em direção à transformação das realidades consideradas desfavoráveis à sustentabilidade ambiental e à qualidade de vida e ambiental como um todo, como da valorização das práticas sustentáveis existentes. (OLIVEIRA, 2007, p.110)

É preciso que façamos os alunos entenderem que, sozinhos, não vamos mudar a degradação dos recursos naturais, mas quando cada pessoa faz sua parte, se torna um mutirão que ajuda muito na preservação do meio ambiente.

A escola deve proporcionar várias possibilidades de aquisição de conhecimento, sobretudo os conhecimentos concernentes aos problemas ambientais. Assim, como tudo que acontece fora da escola tem influência sobre a vida dos alunos na forma de se comportar e pensar, o que ocorre dentro dela é de grande importância para suas vidas. De acordo com Silva (2007, p.121)

a escola que educa através de todos os seus espaços é uma escola que mobiliza toda sua estrutura para a condução de fazeres pedagógicos que se ampliam dos espaços de sala de aula e adentram a alma da escola, desde a forma como os alunos são recebidos no portão de entrada até a forma como cuida dos resíduos produzidos em seu interior.

Para muitos alunos a escola é o único espaço que possibilita seu desenvolvimento cognitivo. Por isso as escolas devem procurar subsídios que façam os alunos se sensibilizarem com os problemas socioambientais e terem noção das conseqüências que terão se, por ventura, fizeram o uso inadequado dos recursos naturais. É necessário que eles desenvolvam seus conhecimentos sobre o meio ambiente. Para isso é preciso

rever as concepções de mundo e conhecimento que orientam as propostas curriculares, em que a natureza não tem valor em si mesma, é simples matéria-prima morta para a economia industrial e a produção de mercadorias, é simples objeto de estudo de humanos interessados em colocá-la a seu serviço. (TIRIBA,2007,p.221)

Podemos fazer muito por nossos alunos, mas devemos ter consciência de que temos limitações e não podemos ter certeza que os alunos seguirão os conhecimentos ora construído com a troca de experiência deles conosco. O professor mostra os caminhos cabe aos alunos fazerem suas escolhas.

Para trabalharmos com Educação Ambiental não é necessário ficarmos presos à sala de aula e aos livros didáticos. Como estudamos o meio ambiente e a nossa relação com ele podemos estudar no jardim da escola, no pátio, observando a movimentação do trânsito vendo os gases poluentes sendo expelidos pelos canos dos carros, e assim por diante. Tiriba (2007, p.221) levanta o seguinte questionamento: “como aprender a respeitar a natureza se as crianças não convivem com seus elementos?”.

Dessa forma, não há como os alunos respeitarem o que eles não conhecem. Precisamos construir conhecimentos concernentes ao meio ambiente valorizando os saberes que os alunos possuem, levando-os a ter contato com o meio ambiente (com a terra, as árvores, etc.) para que possam tirar suas conclusões sobre as conseqüências nefastas que a falta de respeito com o meio ambiente acarreta para nossas vidas.

CAPÍTULO II

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Durante a pesquisa fizemos um estudo de caso que para Gil apud Matos (2002, p.46) “é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados”.

Fizemos observações da escola no seu aspecto físico, organizacional, relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, enfim observamos o máximo possível do que vimos no dia a dia da referida escola, em especial da turma do 5º ano composta por 16 alunos. Fizemos sempre o registro do que entendemos como essencial para pesquisa. Segundo Gil (apud MATOS, 2002, p.58) “a observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista”.

A observação do objeto a ser estudado é muito importante para termos mais subsídios para nossa pesquisa e “mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda, em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa”. (MATOS, 2002, p.59)

Para qualificar mais ainda a pesquisa aplicamos um questionário para os alunos do referido ano do ensino fundamental e outro questionário para todos os professores da escola acima citada. Para os alunos, as questões foram objetivas e para os professores aplicamos questões subjetivas. De acordo com Matos (2002, p.60) “essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio”.

Com o estágio tivemos uma maior aproximação da realidade escolar. Pudemos perceber como a escola, em suas atividades diárias, trabalhava a questão da preservação ambiental. Possamos dizer assim que através da experiência em sala de aula tivemos outras informações, haja vista que os questionários e as observações não foram suficientes.

Desse modo, tentamos ter acesso a maior quantidade de informações possíveis para subsidiar essa pesquisa de tamanha relevância, buscando assim o êxito que esperávamos.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA: campo de estágio

A Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro está situada à Rua Patrício de Barros no Centro da cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba. A construção da instituição tem data de 1956.

Ela tem 53 anos de existência e pertencera a Associação Operária Cajazeirense. Era conhecida como Aprendizário. Recebeu o nome de um ex-deputado, ex-senador e ex-interventor do Estado José Janduy Carneiro, natural da cidade de Pombal.

A escola passou por muitos conflitos até tornar-se estadual. Era propriedade privada, da associação, foi doada para o Município de Cajazeiras e após receber diversas ajudas do Governo do Estado, sobretudo com a disponibilização do quadro de professores atual da época, passou a ser bem público estadual.

Essa instituição tem no seu quadro de funcionários sete educadoras (7), duas auxiliares de serviços gerais, dois guardas, quatro secretárias e uma diretora. A supervisão é da 9ª Regional de Ensino do Estado, situada em Cajazeiras.

Como boa escola que se preze, ela possui seu PPP (Projeto Político Pedagógico), seu regimento interno, porém baseado no regimento comum as escolas estaduais. Seu espaço físico é muito restrito. Possui quatro salas de aula, uma cantina, uma única sala para compor biblioteca, diretoria e sala de professores. Um pequeno espaço é usado como secretaria e recepção. Dois espaços sendo um pavimentado e outro não são usados para recreação.

A escola promove “aula de reforço”, sala de leitura no horário oposto, e trabalha com o Projeto “Circuito Campeão”, do Instituto Ayrton Sena. Ela possui muitos livros, televisão. O ruim é que a sala de vídeo funciona no mesmo espaço da diretoria e sala de professores, ou seja, funciona num espaço muito restrito.

2.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES

Os questionários foram aplicados com 4 professoras da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro. A faixa etária das educadoras varia entre 25 e 45 anos. O nível de escolaridade é do Normal Médio ao Superior com pós-graduação, sendo que 2 professoras concluíram o Normal Médio, uma possui graduação e outra concluiu a pós-graduação.

Ao perguntar se as professoras proporcionam em sala de aula momentos para os alunos estudarem e debaterem sobre o meio ambiente e através de que mecanismos; as professoras “A”, “B” e “C” responderam que sim, ou seja, com muita frequência, por meio de textos informativos, debates e discussões elas proporcionam momentos de reflexão sobre a temática. A educadora “D” disse que isso não ocorre com muita frequência na sua sala de aula.

Na verdade, em todas as aulas das mais diversas disciplinas, o educador pode abordar esse tema, haja vista que é um assunto que perpassa por todos os demais assuntos, ou seja, é um tema transversal. Como nos informa Segura (2007, p. 96):

A educação ambiental não é uma área de conhecimento e atuação isolada. Ao contrário, o contexto em que surgiu deixa claro seu propósito de formar agentes capazes de compreender a interdependência dos vários elementos que compõem a cadeia de sustentação da vida, as relações de causa e efeito da intervenção humana nessa cadeia (...).

É preciso que o tema seja abordado com maior frequência, pois quanto mais discutirmos sobre a preservação ambiental mais os alunos irá conhecer a problemática e se preocupar em preservar o meio no qual eles estão inseridos.

Ao questionarmos as educadoras em relação à percepção delas sobre algumas atitudes em que os alunos demonstram interesse sobre o meio ambiente; elas responderam: “quando se debate o tema e quando realizamos tarefas na escola” (educadora ‘A’); “percebo uma certa preocupação quando se relata alguns fatos ocorridos no nosso meio ambiente que é mostrado na sala de aula, através de pesquisas ou noticiários” (professora ‘B’); “ quando chegam falando do lixo em suas ruas e quando queimam os papéis em casa” (docente ‘C’); “ os educandos demonstram interesse através de perguntas e opiniões” (professora ‘D’).

Analisando as respostas, percebemos que os educandos, de formas diversas, demonstram interesse em obter mais conhecimentos sobre o meio ambiente, sobretudo o meio no qual eles moram.

Vale salientar que, cuidando do local em que passamos nossa vida inteira trocando experiências, aprendendo e ensinando o pouco que conhecemos, estamos colaborando com outras regiões, porque, como informa os Parâmetros Curriculares Nacionais:

(...) O que se faz num local, num país, pode afetar amplas regiões ultrapassando várias fronteiras. (...) Com a constatação dessa inevitável interferência que uma nação exerce sobre a outra por meio das ações relacionadas ao meio ambiente, a questão ambiental torna-se internacional. (PCNs, 2001, p. 23).

Observamos assim, que as relações entre o homem e a natureza se não forem relações de preservação, de uso sustentável dos recursos naturais, a humanidade será cada vez mais afetada independentemente de estar próxima ou não do local que não é preservado. Com isso, a escola tem o papel fundamental e indispensável de promover espaços e tempo na sua carga horária para os educandos terem oportunidade de conhecer mais e melhor as relações entre o homem e o meio ambiente.

Indagando sobre o fato da escola já ter desenvolvido algum projeto a cerca da temática ambiental e como fora desenvolvido, as docentes responderam “A” e “C” responderam que sim, sendo desenvolvidos por meio de palestras para pais e alunos, gincanas e cartazes. Já as professoras “B” e “D” disseram que não houve nenhum projeto desenvolvido na escola sobre a temática.

Assim, vimos que há uma discordância entre as respostas e que cada educadora tem seu entendimento sobre projeto, ou seja, umas entendem que não é necessário ter um documento contendo todos os itens exigidos para um projeto e outras pensam que para se caracterizar um projeto é preciso seguir toda a metodologia (introdução, objetivos, entre outros itens).

Contudo, vemos que tudo que for planejado, organizado na intenção de subsidiar o acesso aos conhecimentos sobre o meio ambiente, merece seu prestígio. Carvalho (2007, p. 139):

Como em todo processo educativo, o educador está sempre pondo em ação uma combinação das metodologias que tem ao seu dispor em um ambiente e contexto específico, o que resulta na maioria das vezes em novas aplicações, mais do que repetição de fórmulas prontas.

Na verdade, como já mencionamos anteriormente, o tema é transversal. Devemos aproveitar essa qualidade e, a partir da realidade dos educandos, todos os dias propiciar discussões ou fazer quaisquer outros tipos de atividades para que eles tenham um conhecimento mais aprofundado.

Com relação às opiniões das professoras sobre a necessidade de integrar a Educação Ambiental no currículo formal da escola e o porquê; as educadoras responderam que sim. As docentes “A” e “D” disseram que seria importante para conscientizar os alunos e formar cidadãos que respeitam a natureza. Já a professora “B” respondeu que servia de ferramenta para encontrar caminhos de se trabalhar temas globais, complexos e urgentes. A educadora “C” respondeu que o meio ambiente faz parte da vida de todos nós, professor e aluno.

Compreendemos que apenas integralizando o tema no currículo da escola estaremos reduzindo a amplitude da temática. Haja vista que ela não só perpassa por todas as demais disciplinas, mas realmente faz parte da nossa vida.

É preciso aceitar-nos como parte integrante da natureza, pois como afirma um trecho da ‘Carta do Chefe Seattle’ (apud Chacon, 2004, p.53) “a terra não pertence ao homem: o homem pertence à terra”. Mesmo aprendendo muito com as experiências informais do cotidiano é na escola que se formaliza e institucionaliza os conhecimentos. Os acontecimentos ocorridos na escola tem muito significado para os alunos. Se não tem significação, então tem algo de errado.

Ao perguntarmos como as educadoras trabalham essa temática com seus educandos, as respostas delas foram: “estudando e debatendo os temas relacionados ao assunto” (professora ‘A’); “ com textos informativos, noticiários de TV, pesquisas e apresentações de cartazes” (educadora ‘B’); “ ligando às outras disciplinas no dia a dia, nas leituras e também nas conversas em sala de aula” (docente ‘C’); “ através de reflexões, debates” (professora ‘D’).

As formas explicitadas nas respostas acima demonstram que algumas professoras agem de maneira a incluir a temática em todos os momentos, seja na aula de Matemática ou na aula de Ciências ou numa conversa informal. Segura, 2001 (apud MATOS 2004, p. 26) fala com muita propriedade:

A Educação Ambiental... traz consigo a necessidade premente de ir além do conhecimento de conteúdos escolares. Vivenciar experiências é, sobretudo, buscar a formação de um comportamento coerente e comprometido com a vida, através de valores e atitudes. Além disso, devem ser estabelecidos canais com a realidade fora da escola.

Vemos que existem educadores comprometidos em fazer um trabalho que tem como base a interdisciplinaridade e a transversalidade de muitos assuntos, como é o caso do meio ambiente.

Questionando se as educadoras haviam proporcionado algum evento em que fora abordada a temática pesquisada e quais os tipos de eventos; novamente as professoras “A” e “C” disseram que sim, através de estudos a respeito do lixo, da nossa casa, o ambiente escolar e demais temas que tem relação com o meio ambiente. E as docentes “B” e “D” responderam que não.

Como já mencionamos todas as ações que acrescentam conhecimentos para os alunos a cerca do meio em que eles vivem, faz grande diferença para todo o planeta. A educação é fundamental na formação de cidadãos que respeitam e preservam a natureza. Para os PCNs (2001) a Educação Ambiental é imprescindível para alcançarmos a sustentabilidade, ou seja, a interação sociedade e natureza e enfrentarmos os problemas ambientais.

Ao retorquirmos a cerca das atitudes que um educador deve ter para mostrar aos alunos a importância de preservar o meio ambiente, as educadoras tiveram opiniões diversificadas. A educadora “A” disse que era através da demonstração do que de ruim pode acontecer caso não preservarmos o meio ambiente; a professora “B” respondeu que era a partir de tentativas de sensibilização e mobilização para que os alunos encarem junto com os professores os problemas socioambientais e preservem o que será das próximas gerações; a docente “C” informou que é com a utilização de revistas e jornais na sala de aula e debates para chamar a atenção deles e a educadora “D” disse que o educador deve primeiro demonstrar essa preocupação e depois conscientizar seus educandos através de figuras, reflexões, vídeos entre outras ferramentas.

Nesse caso, devemos repensar nossas práticas e perceber que não adianta falarmos para os alunos preservarem os recursos naturais se, às vezes, escondidos temos atitudes nada preservadoras. Assim, estaremos enganando a nós mesmos. Deixamos a ética de lado, nesse caso.

Ficarmos na ilusão de fazer algo somente quando tivermos certeza que os alunos trilharão o caminho indicados por nós, é não aceitarmos nossos limites. Carvalho (2007) afirma que o educador não deve iludir-se pelo fato dos alunos não o seguir; e sim perceber que aceitar as crenças e os caminhos escolhidos pelos alunos faz parte de uma educação que liberta, ou seja, não é coercitiva nem repressiva.

Nós educadores devemos ser aquele ser humano que prima pela coerência, agindo conforme o que fala. Se a nossa prática difere do nosso discurso, nossas teorias serão apenas palavras soltas a mercê do vento.

Para finalizarmos os questionamentos perguntamos se as professoras buscam saber as formas como os alunos tratam o lixo em casa, e quais subsídios elas usam para descobrir. As educadoras “A”, “B” e “C” responderam que sim, através de debates e conversas informais. Já a professora “D” respondeu que não.

Desse modo, concluímos que nem todas as professoras tratam à temática primando pela realidade de seus educandos. Para sermos educadores ambientais é preciso nos preocupar com o meio em que nossos educandos estão inseridos. Com isso daremos significado para a permanência deles na escola.

2.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

Os questionários foram aplicados com 15 alunos do 5º ano dos anos iniciais (ensino fundamental) da Escola Estadual Janduy Carneiro. A faixa etária varia entre 10 e 14 anos.

Perguntando de forma objetiva sobre o que os alunos fazem com a embalagem de um bombom quando acabam de comê-lo; todos os 15 alunos responderam que colocam no lixo.

A percepção que tivemos foi de que eles respeitam um pouco da questão de limpeza do ambiente em que eles vivem. Mas, quanto maior for a frequência com que a escola reforça sobre a necessidade de manter o ambiente limpo, melhor será para eles compreenderem. Para Tristão (2002, p. 173) “a escola entra como uma instituição dinâmica com capacidade de compreender e articular os processos cognitivos com os contextos da vida”.

Indagados a respeito do tratamento da água em suas casas, 6 educandos informaram que é filtrada; 3 responderam que é filtrada e armazenada no pote; 2 responderam que é armazenada no pote e 3 disseram que tratam de outras formas como: usando produtos químicos entregue pelo o agente de saúde ou água sanitária.

Nesse caso, vemos que a maioria dos responsáveis por eles trata da melhor forma possível a água que se bebe no lar. Isso também é educação. Mas sabemos que “apesar da grande evolução científica e tecnológica alcançada pela humanidade, das facilidades criadas e do maior acesso à informação, milhares de pessoas morrem todos os dias... por doenças banais derivadas da falta de acesso a serviços de higiene e saúde”. (CHACON, 2004, p. 45).

É preciso políticas voltadas para educação que disseminam mais ainda os conhecimentos a cerca da necessidade de termos higiene com o que ingerimos e com o nosso corpo. Isso também é educação ambiental.

Relacionando higiene pessoal e preservação dos recursos naturais, indagamos: quando estão escovando os dentes vocês desligam a torneira ou deixam-na ligada? Assim, 13 alunos responderam que desligam e 2 responderam que a deixam ligada.

Muitas pessoas no Brasil são analfabetas. A falta de acesso a esses conhecimentos ambientais acarreta a indiferença sobre as conseqüências de não preservar os recursos que a natureza dispõe para nós. Silva (2004, p. 63) colabora dizendo que devemos ter “o compromisso de se conhecer as potencialidades e limitações dos recursos naturais”.

Ao analisarmos as respostas e vemos que a maioria se preocupa em fechar a torneira, percebemos que nem tudo está perdido. Ainda existe uma solução. O respeito pela natureza e seus limites faz parte da vida de alguns.

Ao questionarmos se eles estudam sobre o meio ambiente e através de que, 14 educandos responderam que sim e 1 respondeu que não. Dos 14 alunos, 3 informaram que é através de vídeos e cartazes; 4 disseram que é através de aulas expositivas; 2 responderam que tem acesso através de vídeos, aulas expositivas e cartazes; 2 disseram que é por meio só de vídeos; 2 responderam que acontece com aulas expositivas e cartazes e 2 responderam que esse acesso ocorre apenas com cartazes expostos.

As respostas foram variadas. Porém acreditamos que todas as tentativas de subsidiar o crescimento cognitivo deles são de fundamental importância para formar cidadãos preservadores ambientais.

Argumentando a respeito do tratamento do lixo da cidade, se eles tinham conhecimento a cerca desse assunto 5 educandos responderam que o lixo é coletado e jogado num aterro sanitário; 8 alunos disseram que os detritos passam por uma coleta seletiva; 2 responderam que é queimado.

Percebemos assim, que os alunos, em sua maioria, não compreendem o processo de coleta seletiva do lixo, haja vista, que na cidade deles os detritos urbanos são coletados pelos carros de uma empresa responsável pela limpeza pública. Não há coleta seletiva organizada como em algumas cidades brasileiras. Talvez eles confundam a forma de sobreviver de alguns cajazeirenses que passam de coletor em coletor para recolher plásticos, papelões, latas entre outros detritos com a coleta seletiva. Para Pereira & Soares (2004, p.110) “a atividade realizada pelos os catadores é uma coleta informal”.

Contudo, a escola tem a função de mediar esse conhecimento para os educandos no intuito deles compreenderem que além de ser um meio de sobrevivência para os catadores, eles estão contribuindo com a diminuição dos detritos e em consequência amenizando os impactos sobre o meio ambiente.

Continuando a perguntar sobre o lixo, questionamos: queimar o lixo provoca o que? Oito (8) alunos responderam que provoca o ar poluído e piora a saúde de pessoas que tem doenças respiratórias; 6 disseram que só piora a saúde das pessoas e um respondeu que apenas deixa o ar poluído.

Apesar das respostas serem variadas, tivemos a percepção de que todos entendem que as queimadas, sejam dos detritos ou de árvores causa impactos fortes sobre o meio

ambiente. De acordo com Pereira & Soares (2004, p. 113) “a Educação Ambiental é o caminho a ser trilhado para que sejam promovidas ações que indiquem um destino adequado para os resíduos sólidos, resultando para a humanidade uma perspectiva melhor da qualidade de vida e da preservação do Planeta”.

Entendemos que a escola deve mostrar e trocar conhecimentos com os alunos sobre o lixo e as formas adequadas de tratá-lo e até diminuí-lo em nossas casas. Para saber o que a escola promove para os alunos, perguntamos: na sua escola já houve evento sobre meio ambiente, como? Cinco (5) responderam que houve através de gincana; 5 disseram que ocorreu por meio de peça teatral; 2 informaram que foi através de gincana e peça teatral; 1 respondeu que aconteceu através de semana do meio ambiente; 1 disse ter ocorrido por meio de gincana e semana do meio ambiente e apenas um (1) deixou a questão sem resposta.

Refletindo, entendemos que talvez o educando que deixou a questão sem resposta, talvez não sinta satisfeito com as opções do questionário. Pode ser que, para ele, é preciso ter mais acontecimentos para ser considerado um evento. No entanto, percebemos que, pelas respostas dos demais, a os professores se preocupam em debater a temática. Porém, “só haverá possibilidade de mudança real a partir de uma transformação profunda no pensar e no agir da humanidade, substituindo o ter pelo o ser em sua ordem de prioridade”. (CHACON, 2004, p. 55).

Encerrando as indagações fizemos a oitava pergunta: você considera necessário estudar sobre o meio ambiente? Por quê? Seis educandos responderam que acha necessário porque precisamos cuidar do meio ambiente para que nossos descendentes possam usufruir dele; 2 disseram que é necessário porque precisamos conhecer mais sobre nosso meio ambiente e 7 alunos argumentaram que é necessário estudar sobre esse tema porque tanto precisamos cuidar do meio ambiente para que nossos descendentes possam usufruir dele, como também disseram, que precisamos conhecer mais o nosso meio ambiente.

Sendo assim, concluímos que os educandos sentem a necessidade de ler, estudar, debater, argumentar e dar suas opiniões a cerca dessa temática que nunca esteve tão evidenciada como nos dias atuais.

2.5 ANÁLISE DO ESTÁGIO

A Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Janduy Carneiro está situada à Rua Patrício de Barros no Centro da cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba. Ela tem 52 anos de existência e pertencera a Associação Operária de Cajazeirense. Era conhecida como Aprendizário. Recebeu o nome de um ex-deputado, ex-senador e ex-interventor do Estado José Janduy Carneiro.

Essa instituição tem no seu quadro de funcionários sete educadoras (7), duas auxiliares de serviços gerais, dois guardas, quatro secretárias e uma diretora. A supervisão é da 9ª Regional de Ensino do Estado, situada em Cajazeiras.

Por percebermos, através dos questionários aplicados tanto com alunos como com professores e também por meio das observações feitas em sala, a necessidade de se trabalhar melhor a Educação Ambiental, fizemos o estágio na referida escola.

Na primeira semana houve a aproximação entre nós e os alunos. Tentando memorizar os nomes dos mesmos para melhor comunicação. Esses primeiros dias foram calmos. Alguns alunos se exibiam, para chamar a atenção, mas nada que não pudesse ser controlado com o diálogo.

Procuramos dar um enfoque maior para a temática ambiental utilizando textos para iniciar os conteúdos de: Português, Geografia, História, Ciências e adentrávamos, às vezes, nos conteúdos matemáticos e Ensino Religioso.

Na verdade, devemos “propiciar um ambiente educativo de construção de novos conhecimentos e saberes, que passa por um processo pedagógico que explore tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos e incentive práticas ambientalmente sustentáveis”. (GUIMARÃES, 2007, p. 91).

Os alunos ficaram satisfeitos com a leitura de um texto sobre a vida de Zaqueu, texto bíblico, sobretudo, a atenção de alguns que são assíduos em suas respectivas igrejas. Assim, tentamos propiciar o conhecimento sobre as árvores da espécie cuja Zaqueu subiu para ver Jesus com o conteúdo de Religião.

Houve dias em que, pela a ausência temporária da professora titular da turma, alguns educandos ficaram inquietos. Tentávamos entrar em acordo sem ser necessário agir com brutalidade com relação ao tom de voz. Infelizmente, tivemos que agir um pouco grosseiramente, pois parecia que eles só ficavam quietos se recebessem gritos.

Passava alguns minutos, nos acalmávamos. Dava a impressão que era somente para chamar atenção. Dávamos atenção, indo na cadeira de cada um perguntando se precisavam de ajuda. Eles se admiravam dessa atitude.

Às vezes, ao nos calarmos, eles percebiam o silêncio e logo silenciavam também. Ficamos felizes por termos aplicado provas de todas as disciplinas, haja vista que aprendemos a elaborar, corrigir e utilizar o mimeógrafo.

Elaboramos e aplicamos dinâmicas como o “bingo da multiplicação”, que chamou muito a atenção deles. Foi uma tentativa de descontração. Para abordar a temática da monografia fizemos à leitura e a reflexão de um texto que contava a história de uma arvorezinha e sua família. O texto era uma narração em que a arvorezinha fazia muitos questionamentos sobre a ganância do homem que destruía as árvores.

Nesta aula foram abordados, com apenas um só texto, o meio ambiente, a história do desmatamento do pau-brasil e artes. Provocamos discussões sobre a retirada dessa árvore que deu origem ao nome do nosso país. Guimarães (2007, p.91) fala que devemos ter essa postura problematizadora dos fatos que acontecem e aconteceram no meio socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos a pesquisa bibliográfica para elaborarmos o Histórico da Educação Ambiental observamos que desde 1500 o Brasil luta pela preservação e manutenção dos seus recursos naturais. O primeiro ato foi a Carta Régia do Brasil que aplicava punições para os que exploravam nossa natureza de forma desordenada.

Com o passar dos séculos foram criadas secretarias e até ministérios com a incumbência de defender, trabalhar e educar as pessoas sobre a temática ambiental. Percebemos que foram criados muitos órgãos que muitas vezes não fizeram o trabalho de realmente proteger esses recursos.

Percebemos que muitos teóricos já escreveram sobre a preservação do meio ambiente na perspectiva educacional, ou seja, fazendo da escola locus de acesso aos conhecimentos sobre essa problemática e como ameniza-la.

Esses teóricos percebem que não há necessidade da Educação Ambiental tornar-se uma disciplina da grade curricular, embora alguns pensem que é preciso. Não dependemos apenas dos conteúdos, é necessário que o sujeito que estamos educando mude suas atitudes. Não adianta apenas conhecer e compreender é preciso agir.

A escola por sua vez às vezes lida com o assunto numa visão que reduz a problemática a natureza em si, quando sabemos que, o meio ambiente é aquele em que as pessoas convivem umas com as outras no trânsito, na floresta, na escola, no parque, no açude, ou seja, é o local em que vivemos.

Poucos projetos são elaborados, vemos poucas ações para que os educandos possam ter acesso a um conhecimento menos superficial sobre o que é o meio ambiente e qual é a melhor maneira de convivermos com ele sem desequilibrá-lo.

Vimos que os alunos sabem algumas coisas, porém não compreende na essência o porquê de se preservar o meio em que vivemos. Para muitas pessoas, não adianta preservar um lugar que existirá da mesma forma sem muitas alterações quando morrermos, ou seja, não houve e não ocorrerão mudanças, por exemplo, no clima das regiões. Pode até ser uma visão egoísta, mas é a realidade de quem talvez seja ignorante no assunto.

Diante do exposto, entendemos que nossos objetivos, ao final da pesquisa, foram alcançados, pois conseguimos ter acesso às metodologias utilizadas pela educadora da turma do 5º ano na qual foi feito o estágio, através de observações, aplicação de questionário tanto para professor como para alunos, para assim analisarmos ambas as respostas. Tivemos acesso também à opinião de outras professoras que se dispôs a responder o questionário, com conseguimos informações às vezes divergentes, com relação a todos os procedimentos da escola com relação ao ensino e a mediação dos conhecimentos concernentes à temática.

Apesar das dificuldades, concluímos que é muito satisfatório trabalhar uma temática que perpassa por todos os demais assuntos, em que o estágio, que foi nossa experiência em lócus, contribuiu muito para entendermos o quanto à escola precisa estudar cada vez mais para mediar o processo em que os alunos precisam adquirir mais conhecimentos, colaborando desde já, com o meio ambiente; e trocarmos um pouco das nossas experiências, dos nossos saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol.5 de História e Geografia. 2001.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol.9. Meio ambiente e saúde: temas transversais, Brasília: Secretaria, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. “O sujeito ecológico: a formação de novas identidades culturais e a escola”. In: MELLO, Soraia Silva de. TRAJBER, Rachel. (coordenadoras). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coord. Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.
- CHACON, Suely Salgueiro. “Reflexões sobre a condição humana: bases para a harmonia ambiental”. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Educação ambiental em tempos de semear**. Kelma Socorro Lopes de Matos e José Levi Furtado Sampaio (orgs.); et al – Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 5ª ed. São Paulo: Global, 1998.
- GUIMARÃES, Mauro. “Educação Ambiental: participação para além dos muros da escola”. In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.
- LIPAI, Eneida Maekawa. ; LAYRARGUES, Philippe Pomier. PEDRO. Viviane Vazzi. “Educação Ambiental na escola: tá na lei”... In: MELLO, Soraia Silva de. TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. “Educação ambiental crítica: contribuições e desafios”. In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. MEC, Coord. Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. ; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed.rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- MENDONÇA, Patrícia Ramos. “Políticas de formação continuada de professores e professoras em educação ambiental do Ministério da Educação”. In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. MEC, Coord. Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

OLIVEIRA, Haydée Torres de. “Educação ambiental – ser ou não ser uma disciplina: essa é a principal questão?!” In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

Programa Nacional de Educação Ambiental: ProNEA. 3ªed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

PEREIRA, Cieusa Maria Calou; SOARES, Najla Maria Barbosa. “O lixo como bem de produção e geração de emprego e renda”. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Educação ambiental em tempos de semear.** Kelma Socorro Lopes de Matos e José Levi Furtado Sampaio (orgs.); et al – Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SATO, Michele. ; SARTURI, André. “O caracol surrealista no teatro pedagógico da natureza”. In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

SEGURA, Denise S. Baena. “Educação ambiental nos projetos transversais”. In: MELLO, Soraia Silva de. TRAJBER, Rachel. (coordenadoras). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coord. Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

SILVA, Edson Vicente da. “Educação Ambiental e ecoturismo: simbiose em busca de um desenvolvimento sustentável”. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Educação ambiental em tempos de semear.** Kelma Socorro Lopes de Matos e José Levi Furtado Sampaio (orgs.); et al – Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SILVA, Marilena Loureiro da. “A Escola Bosque e suas estruturas educadoras – uma casa de educação ambiental.” In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

TIRIBA, Lea. “Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de educação infantil”. In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes.** São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.

VELOSO. Najla. “Entre camelos e galinhas, uma discussão acerca da vida na escola.” In: MELLO, Soraia Silva de. ; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola.** Ministério da Educação, Coordenação

Geral de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.